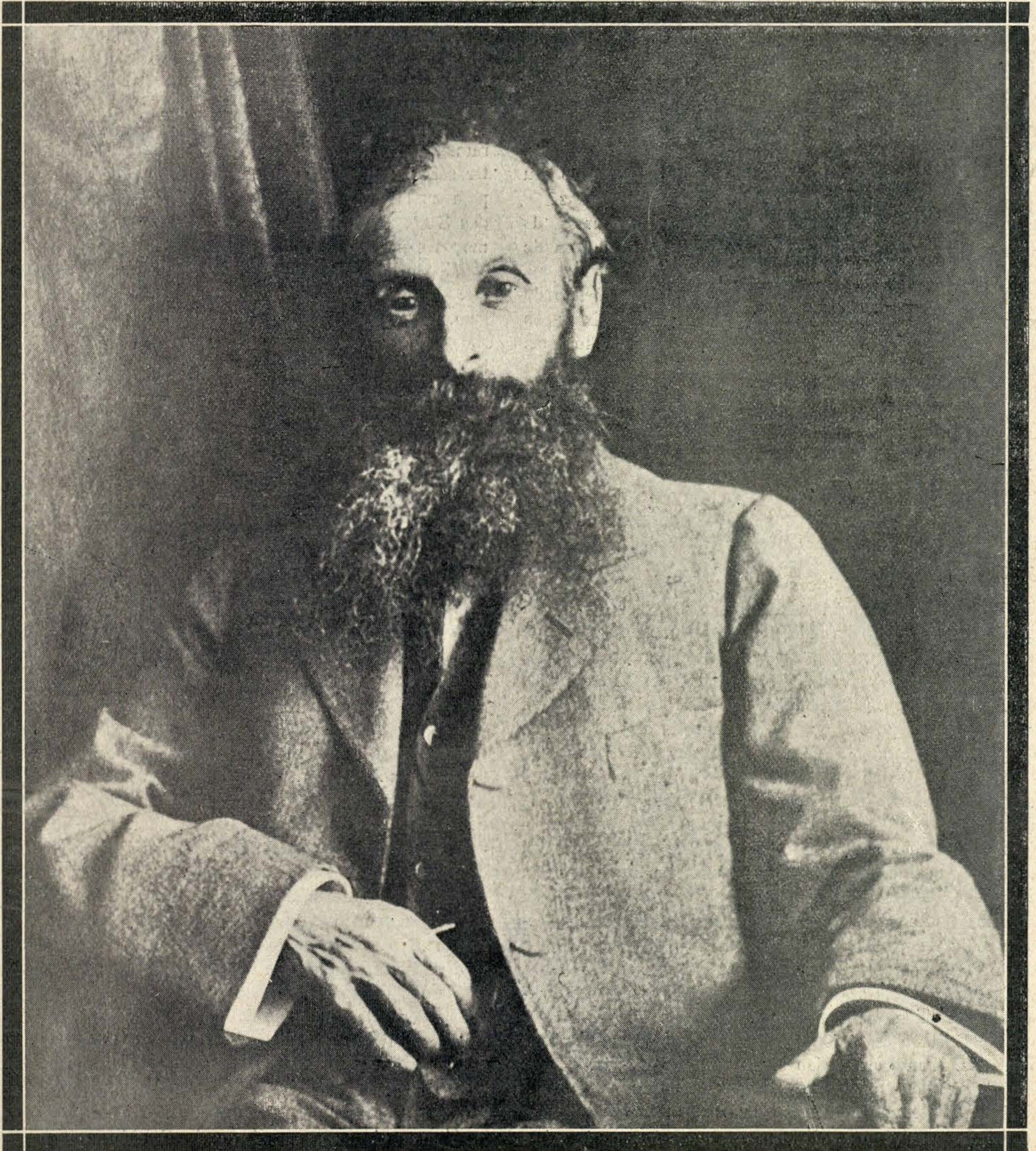


DIRECTOR  
ROCHA MARTINS  
EDITOR  
CARLOS FERRÃO  
REDACÇÃO  
RUA DO ALECRIM, 65  
TELEF. 2440-C.

**ABC**

SALAS  
ESCRITORIOS  
OFICINAS  
RUA DO ALECRIM, 65  
CASA DAS MAQUINAS  
60, R. DA ATALAIA, 62  
LISBOA-PORTUGAL

Às quintas-feiras leitura ilustrada para todos — Revista Portuguesa



**O grande poeta Guerra Junqueiro**

Falecido em 7 de Julho e cuja gloria o governo português consagrou com funerais nacionais



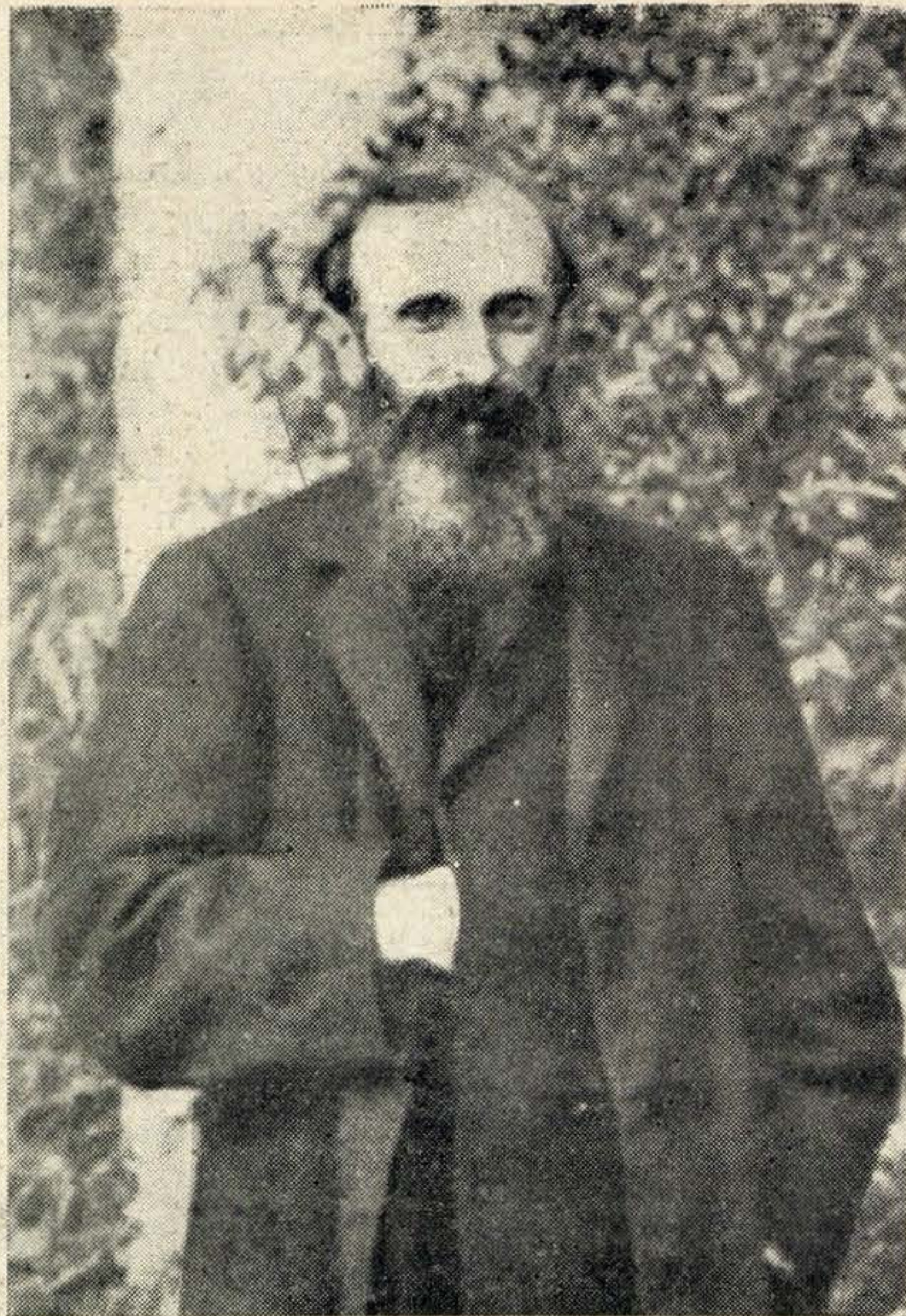
O famoso grupo «Vencidos da Vida» — núcleo dos maiores escritores que, irreverentemente, demoliu preconceitos sêdicos, criando novas escolas e abrindo novos e mais belos horisontes á intelligencia humana — Junqueiro foi o ultimo sobrevivente.

Idealista suave, unguado da sua fé diamantina, mesmo nos mais acêsos lances da sua obra demolidora dos velhos ritos, ao recordar os aços maternos da sua infancia, fazia a enterneceda confissão:

O meu coração puro, imaculado e santo  
 Ia ao trono de Deus pedir, como ainda  
 vai,  
 Para toda a nudez um pano do seu  
 manto,  
 Para toda a miseria o orvalho do seu  
 pranto  
 E para todo o crime o seu perdão de  
 pai.

Que não pareça extranho, portanto, que o autor da *Velhice do Padre Eterno*, morresse abraçado a um crucifixo como S. Francisco de Assis. Junqueiro foi em todo o tempo o mais fervoroso cristão, cumprindo sempre, á risca, os preceitos da *Imitação de Cristo*, de olhos postos no suave exemplo do Rabbi Martir que, sem paramentos ricos, estolas bordadas a oiro, nem purpuras cardinalicias, derramou o seu sangue no topo do Calvario, para redenção da humanidade.

Jámais o perfil de Jesus deixou de nortear o adejo formidavel da sua obra grandiosa, su-



## O ULTIMO "VEN- CIDO DA VIDA"

GUERRA JUNQUEIRO EM 1910



Junqueiro entre os vencidos da vida. — 1.º plano: Ramalho Ortigão, Eça, Conde de Ficalho, Antonio Candido — 2.º plano: Conde de Sabugosa, Carlos Mayer, Carlos Lobo de Avila, Oliveira Martins, Marquez de Soveral, Guerra Junqueiro, Conde de Arnoso

bindo, subindo sempre, purificada, espiritualizada, divinizada, até ao seio paternal de Deus.

Não, não é preciso ir procurar nos ultimos escritos de Junqueiro, onde resalta um misticismo profundo, as crenças religiosas do seu autor. Na propria *Musa em fèrias* ele afirma que

A implacavel, a rigida Sciencia  
 Deixou-me unicamente a Providencia  
 Mas, deixando-me Deus, deixou-me,  
 tudo!

Junqueiro morreu como devia morrer — cristãmente, como cristãmente viveu. Teve as bênçãos da Igreja no seu funeral? Mas como não as havia de ter, se era a Igreja de Jesus, do Divino Jesus, que, na sua doutrina humana e igualitaria, prégou a humildade, a bondade e o amor fraterno?

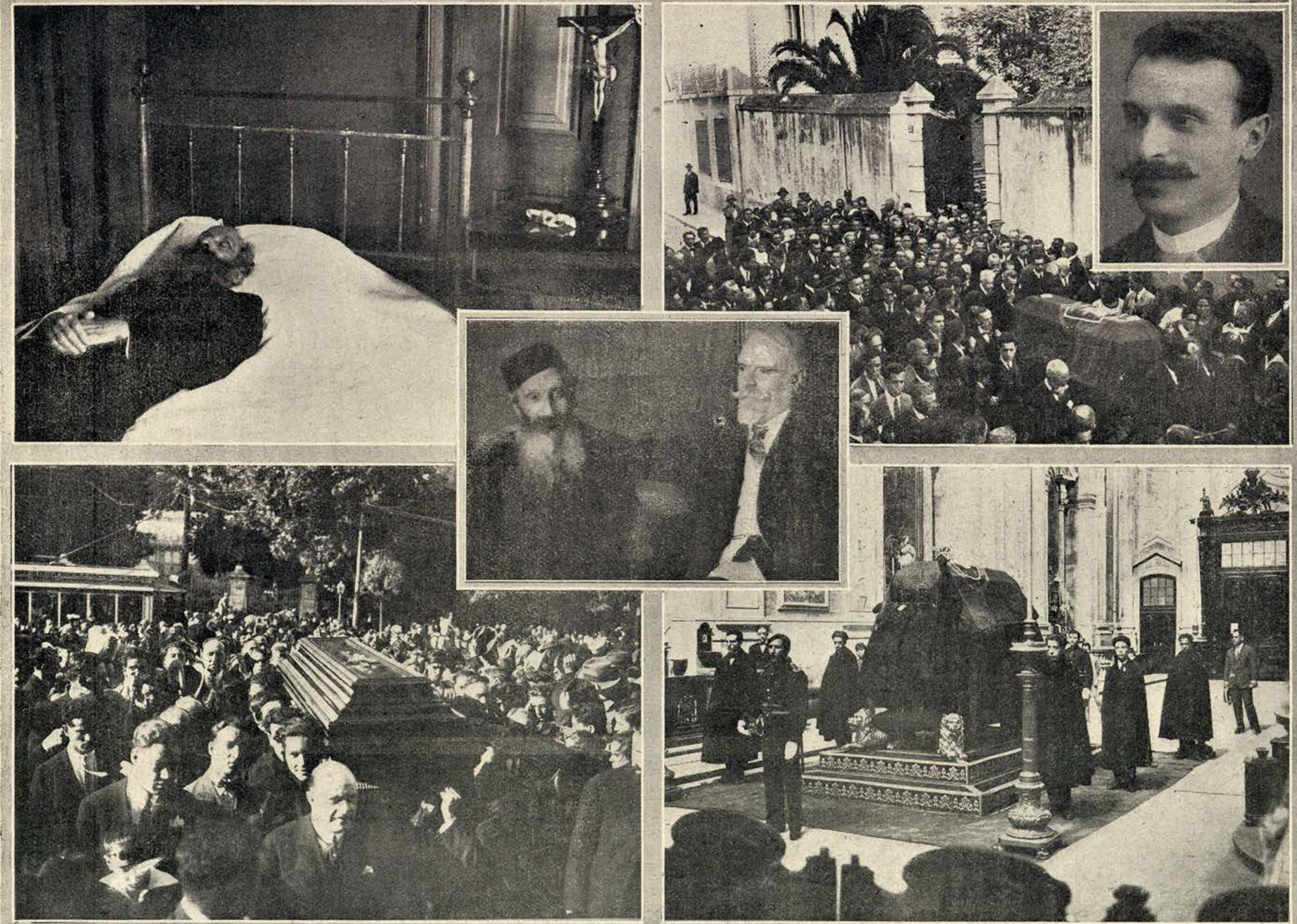
Junqueiro morreu como um justo, como um santo, como um poeta, pedindo, em derradeira vontade, que não lhe lançassem flôres no feretro, para as não sacrificar a morrer com ele.

A sua morte, deu bem a ideia da sua vida, e da sua obra.

Ante o seu tumulto, sarcófago dos restos mortais do maior poeta da Raça Latina, poderemos dizer apenas:

— «Morreu Alguem!» porque Alguem era num país onde os Ninguens se alcandoram, dia a dia, a um plinto ficticio de mortalissima celebridade,





**A morte do grande poeta Guerra Junqueiro**

O genial poeta no seu leito de morte — A condução da urna do palacete da rua Silva Carvalho para a Basilica da Estrela — Guerra Junqueiro no tempo em que fazia parte dos «Vencidos da Vida» — Guerra Junqueiro com o Chefe de Estado quando da visita de S. Ex.<sup>a</sup> ao Porto. (fotografia tirada na residencia do poeta, em 1922) — Outro aspecto da condução da urna para a Pasilica — O turno dos estudantes velando na Estrela o cadaver do grande português